

**NAVEGANDO NOS AMBIENTES DA ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS:
TURISMO RESPONSÁVEL E GERAÇÃO DE RENDA**

**SAILING THE ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS ENVIRONMENT:
RESPONSIBLE TOURISM AND WEALTH GENERATION**

Gilmar Gomes¹

Juliane Magagnin Da Soller²

RESUMO

O presente artigo se constitui a partir do relato de experiência de um trabalho em extensão universitária, dado através da investigação e da reflexão do ambiente dialogado com o desenvolvimento local, tendo este como parâmetro fundamental do crescimento do sujeito como aquele que constrói a vida. Este artigo se apropria das oficinas de Educação Ambiental e de Trilhas, realizadas dentro do curso de Capacitação em Cooperativismo e Autogestão, produzido pelo Núcleo de Economia Alternativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este curso foi realizado junto a Cooperativa Mista de Produção e Serviços Arquipélago Ltda (COOPAL), localizada na Ilha Grande dos Marinheiros, uma ilha do município de Porto Alegre, com objetivo de instrumentalizar os membros desta cooperativa na gestão e fortalecimento do empreendimento, de forma que o mesmo se configure em um elemento multiplicador em sua comunidade. A compreensão da produção de vida, eu e nós no espaço vivido, o aprofundamento das relações sociais e a ampliação dos horizontes oportunizando novas frentes de trabalho, com a ótica do turismo responsável e da economia solidária, foram os temas referenciais destes encontros.

Palavras-chaves: Educação, turismo, economia.

ABSTRACT

This article presents an account of a university extensional work developed through the investigation and reflection about the dialogue between environment and local development, taking the last as a fundamental parameter of the subject's growth as the one who constructs life. The article takes into consideration the workshops about

¹ Geógrafo/UFRGS, Núcleo de Economia Alternativa. E-mail: gilpoa2005@yahoo.com.br.

² Bacharel em Turismo/PUCRS, Geógrafa/UFRGS, Faculdade de Geografia. E-mail: julicasoller@hotmail.com.

Environmental Education and Trail promoted by the Alternative Economy Center of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) as part of the course Cooperativeness and Self-Management. The course was designed for the Mixed Cooperative of Production and Services Arquipélago (COOPAL), located in Ilha Grande dos Marinheiros, an island in the city of Porto Alegre. The aim of the course was to enlighten the cooperative's members to manage and straighten their enterprise for it to become a multiplying element in their community. The main themes of these encounters were the comprehension of the production of life, of the self and of the collective in the living space, the intensification of social relations and horizons amplification in order to generate work, with the responsible tourism and solidarity economy.

Key-words: Education, tourism, economy.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é construído a partir de um relato de experiência, que busca fazer uma reflexão sobre possibilidades da extensão universitária contribuir, a partir da ação prática, provocando, no nível teórico, uma relação que mostre evidenciar que o ambiental dialoga com a produção da vida e com a geração de renda dentro de um espaço vivido.³

O trabalho de extensão analisado (Curso de formação) foi realizado pelo Núcleo de Economia Alternativa/Incubadora de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)⁴ em parceria com outros departamentos desta Universidade: Direito, Economia, Geografia e Psicologia Social, junto à Cooperativa Mista de Produção e Serviços Arquipélago Ltda (COOPAL). A COOPAL está localizada na Ilha Grande dos Marinheiros, em Porto Alegre.

³ “O espaço vivido pode ser entendido como a rede de manifestações da cotidianidade desse sistema em torno das intersubjetividades que são, por sua vez, as redes nas quais se constituem as existências individuais – no trabalho, na escola, na família, nas outras formas da vida societária.” (RÊGO 2000).

⁴ O Núcleo de Economia Alternativa é um espaço de extensão, pesquisa e produção de conhecimentos na área do trabalho prestando assessoria a pequenos empreendimentos organizados em rede e mantém uma incubadora de cooperativas populares. Está localizado na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

A população da Ilha Grande dos Marinheiros se caracteriza por sua extrema vulnerabilidade social; em situação de pobreza absoluta, com escassas oportunidades de trabalho. Sendo uma ilha fluvial (banhada pelo Rio Furado Grande e Jacuí) fica suscetível às variações dos níveis da água, com constantes enchentes na estação chuvosa e a falta de água e esgotos encanados na seca, situação agravada pelo desmatamento de grande parte da área.

As questões ambientais e as questões sociais estão intimamente ligadas nesse ambiente. Essa união corrente, indissociando ações físico-naturais das sociais, nem sempre é tarefa fácil de ser compreendida e trabalhada, contudo é essencial na construção da vida humana.

Trabalharemos aqui com a noção de campo ambiental conforme a noção ressaltada por Carvalho (CARVALHO 2001, p.19). Com a noção de campo ambiental interessa circunscrever certo conjunto de relações sociais, sentidos e experiências que configuram um universo social particular. O campo ambiental seria então um espaço onde as relações sociais são postas em evidência através da participação dos sujeitos enquanto sujeitos coletivos que se relacionam política e historicamente com o ambiente em sua volta a partir de uma rede que envolve relações com o poder público e com a sociedade civil, mas mantém sua autonomia. Esta relação, dependendo do grau de exigência das demandas da comunidade e dos problemas ambientais pode ser mais ou menos tensa.

Assim, queremos dizer que, de nada adianta tratarmos da reconstituição e/ou preservação da saúde do ambiente se não estivermos também preocupados em lidar com a saúde do ser humano. E para ter saúde o ser humano precisa dispor das condições materiais e subjetivas que lhe permita viver com dignidade.

Neste artigo nos apropriaremos das oficinas de Educação Ambiental e de Trilhas Turísticas realizadas em parceria com o Departamento de Geografia da UFRGS⁵, que foram instrumentos para viabilização de uma política de extensão de uma universidade que se pretende pública e pensa o desenvolvimento local como aquele parâmetro fundante do crescimento do sujeito como aquele que constrói a vida.

⁵ Este trabalho contou com a orientação e colaboração dos professores Dr. Nelson Rego e Dr. Álvaro Heidrich.

Caracterização do ambiente

O marinheiro, marinheiro, que lugar é este? Em que águas você navega?

A Ilha Grande dos Marinheiros compõe o bairro arquipélago na cidade de Porto Alegre/RS, é constituída pelos sedimentos de quatro rios (Jacuí, dos Sinos, Caí e Gravataí) que formam o Delta do Jacuí e que desembocam no Lago Guaíba. É a segunda ilha do conjunto mais povoada, bem como em processo de urbanização. Esta ocorrência somada com a falta de políticas públicas adequadas e com sua frágil localização geográfica tem produzido profundos impactos sobre o ambiente e conseqüentemente na qualidade de vida desta comunidade.

As oportunidades e alternativas de trabalho que existem estão ligadas à pesca e à catação e separação de lixo para a reciclagem, além de trabalhos temporários (biscates, faxinas,...), porque o lugar em que este grupo vive é resultado de múltiplos déficits (oferta de vagas nas escolas, além de um alto índice de violência, fome, alcoolismo, drogadição, falta de saneamento básico, habitações precárias, doenças endêmicas, mortalidade infantil e gravidez na adolescência). Além destes déficits de fundo, há aqueles que se agregam, tais como, a falta de atividades alternativas para os jovens.

Esta população enfrenta a exclusão social. Suas moradias encontravam-se irregulares com aterros clandestinos até o final de 2005, quando faziam parte da Unidade de Conservação Integral Parque Estadual Delta do Jacuí, decretado em 1976. Nesta época, por estarem irregulares não se podia encaminhar pedido para a melhoria da infra-estrutura, resultando na inexistência de saneamento básico, acúmulo de lixo, esgotos sem tratamento jogados direto nos corpos de água, água poluída considerada imprópria para o banho e pesca.

Ainda se caracteriza por apresentar visíveis contradições socioeconômicas, sendo que a ilha se transformou em uma área muito valorizada e elitizada de Porto Alegre, com mansões construídas para veraneios ao lado de moradias bem mais simples, também irregulares na época.

Neste panorama temos de um lado um dos problemas ambientais urbanos de maior importância que é aquele relacionado à preservação dos ecossistemas naturais ainda existentes nas cidades e de outro uma população fixada no local

vivendo em condições de vulnerabilidade social com poucas oportunidades de desenvolvimento social.

COOPAL: O marinheiro, marinheiro. Marinheiro só. Marinheiro só???

Mesmo com tantas adversidades a população carente da Ilha vem se articulando em muitas instâncias de participação e organização comunitária. Uma destas iniciativas é a Cooperativa Mista de Produção e Serviço do Arquipélago (COOPAL) que vem atuando profissionalmente na ilha desde 2001 em ações voltadas para prestação de serviços de modo geral. Em 2003 teve o primeiro grande contrato (uma vez que envolveu 20 pessoas de uma só vez) na área de limpeza ambiental (contrato com empresa terceirizada - COOTRAVIPA⁶ via Departamento Municipal de Limpeza Urbana - DMLU⁷ até 2004). Nas palavras do cooperado Pedro Amaral Pires publicadas no Boletim do Arquipélago (Jun 2004): “Ninguém acreditava na nossa cooperativa. Agora trabalhamos com a parceria do DMLU, tirando os entulhos e dejetos do lixo deixados na ilha.”

A Cooperativa tem formado líderes que exercem sua atuação para além dos limites do empreendimento e mesmo da comunidade. Líderes destacados da COOPAL são muitas vezes representantes do Bairro no Orçamento Participativo, educadores do MOVA, palestrantes em parceria com a SMED/POA em várias comunidades de periferia no tema da economia solidária; representantes na REDE⁸ e coordenação do Programa Fome Zero no Bairro e monitoria na área de educação ambiental.

⁶ Cooperativa de Trabalhadores das Vilas de Porto Alegre. Presta serviços na área da limpeza urbana. Apesar de se constituir como uma empresa-cooperativa convencional, este empreendimento se destaca por acolher em seus quadros pessoas portadoras de HIV/AIDS e portadoras de necessidades especiais.

⁷ Este trabalho, na verdade uma novidade, tratou-se de uma limpeza que ocorreu em grande parte dentro dos quintais dos moradores das ilhas do Bairro Arquipélago. Durante muitos anos essas ilhas foram “lixões” e apresentam um horizonte de acúmulo de resíduos sólidos bastante espesso – cerca de 40 cm.

⁸ A REDE é uma organização que congrega entidades comunitárias, ongs e poder público do conjunto de Ilhas habitadas do Bairro Arquipélago. Nesse espaço a comunidade discute, decide e encaminha questões relevantes aos interesses do Bairro.

Em 2006 foi conquistado um novo grande contrato com a Secretaria Municipal de Saúde. Este prevê o combate e a prevenção às doenças transmitidas por mosquitos, em especial, a dengue nas ilhas habitadas do Bairro Arquipélago, podendo ser estendido para outras áreas urbanas de periferia da Cidade.

Este contrato amplia, em relação ao anterior, para 43 pessoas envolvidas.

2. DESENVOLVIMENTO: O CURSO: DO PROCESSO PROPOSTO

O marinheiro, marinheiro

Quem te ensinou a nadar? Foi o dono do navio? Ou o balanço da vida?

Decorrente da necessidade de ampliar a discussão entre os cooperados sobre os princípios da cooperativa formulou-se o Curso de Capacitação em Cooperativismo e Autogestão, atividade de extensão produzida pelo NEA. O curso objetivou instrumentalizar, do ponto de vista teórico e prático, os membros da COOPAL na gestão e fortalecimento da cooperativa, de forma que o mesmo se configure em um elemento multiplicador em sua comunidade ampliando sua capacidade de referência a outros setores populares que lutam por um espaço social, pela monitoria ambiental e pela conquista de uma vida digna capaz de propiciar renda deixando de depender apenas das políticas compensatórias dos governos.

A metodologia aplicada no curso baseou-se em aulas dialogadas e oficinas práticas dentro da perspectiva da educação de jovens a adultos e tendo com enfoque o trabalho como princípio educativo (FRIGOTO, 1998). A base teórica principal buscamos em Paulo Freire na figura do agente social (GAYOTTO, 1987). Este seria, antes de tudo, um educador social, mas sua atuação pretende ir além da sala de aula em uma convivência de mútuo respeito acompanhando os passos dos educandos em sua auto-organização e participação comunitária. Como educador parte do princípio de que o conhecimento não é um produto pronto, acabado, que se encontra disponível para “transmitir” ao aluno e sim de que o mesmo está permanentemente em suas mãos e nas mãos de seus educandos como um arcabouço que lhe sustenta a vida. Sua atuação é, antes de qualquer coisa, resgatar

o conhecimento popular acumulado e de posse do seu, formatado e acadêmico fazer um diálogo permanente a fim da construção de um outro conhecimento produzido de forma coletiva e dialógica.

O Programa do Curso procurou contemplar as especificidades que se apresentavam como demandas do grupo cooperativo da Ilha Grande, percebidas através do convívio de quatro anos no processo de incubação do empreendimento que o Núcleo de Economia Alternativa vem realizando junto a COOPAL, tendo sempre como referência à gestão participativa e democrática (autogestão). Na perspectiva da interdisciplinaridade, aqui é compreendida concebendo a realidade como interdisciplinar, pois é ela, e neste caso, a coletividade organizada no empreendimento e seu entorno que vai exigir esta ou aquela área do conhecimento. A nós, gestores, extensionistas ou militantes cabe a sensibilidade em operar de forma conectada com esta realidade (BRANDÃO 1985).

Nosso trabalho enquadra-se no que autores como Carlos Rodrigues Brandão, Guido Irineu Engel e Michel Jean-Marie Thiollent denominam Pesquisa-Ação⁹. Reportaremos-nos ainda, se tratando da metodologia, a Paulo Freire que nos dá a base de inserção nesta pesquisa como agente participante do processo ao mesmo tempo reflexivo e prático.

Educação Ambiental e Trilhas Turísticas: referenciais teóricos

Quem te ensinou a nadar?

Foi o balanço das águas e o conhecimento do mar (vida):

Entendemos por Educação Ambiental (EA) o conjunto de práticas e reflexões que se propõem a dialogar as inter-relações do indivíduo e da comunidade com o ambiente, tornando-as mais conscientes, tanto a nível local quanto global e fortalecendo a identidade local com o reconhecimento e a valorização de suas tradições e cultura. A EA coloca-se dentro de uma concepção de construção

⁹ “A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THILLEN 1986).

interdisciplinar do conhecimento, visando à consolidação da cidadania com cooperação aos seus semelhantes, a partir de conteúdos problematizadores vinculados ao cotidiano e aos interesses da população, originando formas de organização da comunidade solidárias e relações responsáveis com o meio ambiente, bem como soluções diversificadas que não dependem apenas de recursos econômicos, mas que impliquem uma remodelação do processo de vida.

Para esta remodelação é essencial termos a compatibilização com as legislações ambientais em políticas orientadas para um envolvimento sustentável, que estimulem a infraestrutura adequada aos recursos e as produções locais. O querer deste trabalho é propiciar a participação efetiva da população na gestão em sua comunidade, ampliando seus horizontes “profissionais” e contemplando uma melhoria da qualidade de vida de todos envolvidos. Pois conforme Milton Santos a realidade ao mudar muda também seu observador.

Em relação aos princípios e fins de educação nacional os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam que: “(...) a principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade sócio ambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global.” Nesse sentido, é necessário que, mais do que informações e conceitos, a EA se proponha a trabalhar com atitudes, formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e de procedimentos, onde as trilhas turísticas são uma das ferramentas para tal objetivo. Trata-se, portanto, da construção de uma nova visão nas relações do homem com o seu meio e da adoção de novas posturas pessoais e coletivas.

Segundo a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (1998) para a educação “o mais importante são os processos e não os produtos”, e que para isso ocorra deve-se envolver os educandos e especificamente os da Ilha Grande dos Marinheiros, em:

- “Resgatar a identidade cultural do aluno como ilhéu, integrando-o ao meio em que vive, desenvolvendo nele o gosto e o respeito à natureza e a valorizando de seu ambiente natural e social”;

- “Avaliar criticamente as transformações ocorridas e seus reflexos no ambiente, no decorrer do processo histórico de ocupação do local, bem como a projeção de cenários para o futuro”.

As trilhas interpretativas e a educação ambiental (EA) se fundem na prática. A interpretação ambiental realizada em uma trilha se constitui em um importante instrumento didático em EA propiciando a (re)descoberta do ambiente, com a investigação e a percepção dos fenômenos e das inúmeras relações existentes entre os seres vivos, sua história e o meio local.

A utilização de trilhas de interpretação ambiental, planejadas de modo a oferecer mais possibilidades de contato com o meio, é um excelente suporte para o desenvolvimento de habilidades como a observação, caracterização e avaliação da realidade local, ao mesmo passo em que provoca um sentido de maravilha importante para o despertar de uma conduta conservacionista, ideal para EA.

O modo da exploração do espaço em que vivemos é totalmente influenciada pela cultura da sociedade que o ocupa, e retorna na mesma influência para a mesma sociedade delimitando toda sua organização. Nesta roda de influências, temos tido uma pressão forte do ambiente construído sobre o ambiente natural cru. Estas pressões diárias levam a tendência ao sentimento constante de insatisfação, a competição desleal entre os seres em busca de um poder ganancioso com a inversão dos valores morais, ao mesmo tempo em que gera grande desejo de contato com a natureza. Este contato é vital para nosso equilíbrio e precisa se dar com tato e com consciência dos nossos atos para o exercício da nossa cidadania e do coletivo comum.

Uma política sócio-ambiental que venha a garantir áreas de preservação permanente bem como a utilização harmônica das áreas ocupadas com os direitos da população já residente na Ilha, faz-se urgente.

3. RESULTADOS

Na Educação Ambiental do ambiente social e natural

Anteriores as oficinas específicas do Curso, foram realizados dois encontros com a COOPAL. Estes encontros foram importantes para que os ministrantes das oficinas e os participantes se conhecessem possibilitando a troca de primeiras impressões, a investigação dos anseios dos grupos e a maneira como os membros desse grupo se compreendem enquanto indivíduos sociais do local, o que Paulo Freire chamou “leitura do mundo”. Segundo este educador para educar precisa-se “ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem se trabalha fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte “. (FREIRE, 1996)

O primeiro encontro ocorreu na sede da cooperativa, na própria Ilha e contou com a presença de muitos cooperados e dos ministrantes. Após apresentação dos presentes, seguiu-se um relato da situação institucional do Delta do Jacuí, que todos aguardavam ansiosos, pois naquela data estava em vias de passar de Unidade de Conservação Parque Estadual do Delta do Jacuí para Unidade de Conservação Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Jacuí.

A problematização, parte constitutiva da metodologia foi fundamental porque a ela estava ligada à identificação dos temas a serem abordados na oficina de Educação Ambiental. Sua intencionalidade estava diretamente ligada ao estímulo da curiosidade epistemológica¹⁰ à cerca da questão ambiental e aos pressupostos políticos e éticos: Por que nossas casas não estão certas? Para onde seremos deslocados na própria ilha? Onde estão e como é o esgoto dos “ricos”? Qual a infraestrutura que chegará sendo APA? Como ficará a natureza? Como podemos melhorar nossa qualidade de vida e a qualidade ambiental da ilha? Onde a natureza “verde” terá espaço para se restituir sem interferência da natureza humana? Quem fará parte do Conselho que administrará a APA? Por que agora esta transição de Unidades está sendo viabilizada, questionavam os cooperados.

O segundo encontro aconteceu na abertura oficial do evento quando estavam presentes cooperados, em especial todos os inscritos no curso. Para este encontro realizou-se dinâmica que consiste na retirada aleatória de um papel por cada participante, onde há escrito um dos temas abordados no curso:

¹⁰ Para este conceito ver FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira, Editora Olho D'água – SP, 1995.

cooperativismo, relações humanas, cooperação, economia solidária, autogestão, gestão, educação ambiental. A idéia era que falassem qualquer coisa, sem preocupação com acertos. Sendo o número de participantes maior que o número de temas, mais de uma pessoa tirou o mesmo tema. As primeiras respostas foram repetidas pelos demais. Esta dinâmica tem o intuito de demonstrar como costumamos repetir as idéias dos outros colegas, bem como da mídia, sem analisá-las em nossos conceitos.

Verificou-se também um conhecimento limitado a respeito dos temas abordados, que serviu como interpretação inicial dos ministrantes na compreensão dos temas pelos participantes.

Para Educação Ambiental (EA) a resposta comum foi a de que é preciso preservar a natureza e cuidar do lixo. Nota-se com isso, o conhecimento apenas superficial do tema, com a repetição de slogans comerciais e distanciamento do cidadão-objeto, o não reconhecimento da inter-relação das “minhas ações” com as conseqüências que “me circundam”. Acreditamos que a educação ambiental é aprofundar essas questões no sentido de compreender o porquê e como preservar a natureza, o que é nossa responsabilidade e o que compete à administração pública, como nossos atos interferem no meio em que vivemos, o porquê precisamos selecionar e reciclar o lixo, o porquê de não poluirmos os rios e as conseqüências deste rio poluído e as que vão além do rio.

Os encontros de EA buscaram estabelecer um espaço para o diálogo aberto, discussões, trocas, criação e aprofundamento de valores e atitudes ambientais e cooperativistas, sensibilizando os participantes para a inserção de cada um na construção do seu hoje e para as questões socioambientais pertinentes ao seu contexto local ampliando-as ao regional/global.

Nos dois encontros da oficina de Educação Ambiental foram trabalhados os significados e conceitos socioambientais relacionando-os a Ilha. Nas dinâmicas de apresentação inicial (relaciona o nome de cada um a algo do local), de investigação dos pontos importantes do ambiente e de seus pontos negativos, como na dos mapas mentais, que depois se transformou no “Mapa da Ilha”, verificou-se que os locais de significado na comunidade assinalados são os locais construídos e de uso

coletivo, as edificações sociais e educativas. Uma das participantes explica as escolhas: “As coisas importantes são as que participo: Clube de Mães e Creche”.

De acordo com Milton Santos “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Esta não provém do simples fato de viver, mas da comunhão com que se faz com ele”. (SANTOS 1987) Assim podemos considerar uma maior comunhão com o lado cultural edificado da ilha do que com a natureza. Para elucidar mais esta preposição citamos Pierre George “(...) afirma-se que quanto mais explorado, quanto mais técnicas e urbanização mais o espaço natural deixa de ter importância em sua forma, tendo uma relação abstrata com o atual”. (GEORGE 1969)

A discussão sobre o significado dos locais coletivos construídos e naturais foi aprofundada. Outros significados vieram à tona e ao desenhar coletivamente o “Mapa da Ilha” em papel, demais locais foram adicionados. Ao expressar as idéias através de formas, cores e movimentos, tornamos mais palpável o ambiente em que se vive, fazendo com que o imaginário chegue ao real e o real ao imaginário.

Com base no Atlas Ambiental de Porto Alegre “navegamos” pelo lago Guaíba, pelo Delta do Jacuí e pelo bairro Arquipélago, especificamos a importância da proteção das margens e a problematização prática no cotidiano da degradação destas águas.

As Unidades de Conservação (UC) foram apresentadas em uma retomada do histórico da ilha baseada nas vivências e histórias de cada, verificando como se deu e como se dá a ocupação do local e das diferentes classes sociais inseridas, em como ter maior infraestrutura aliada à conservação da natureza, e conseqüentemente o porquê de discutirmos isso tudo e dos interesses de cada e do poder público em ser Parque ou APA.

As situações propostas, mesmo no restrito tempo de duas noites, permitiram aos participantes refletir a importância do ambiente social e natural na apropriação real do seu local, aprofundando a consciência ambiental e coletiva, despertando-os para cidadãos comprometidos e responsáveis ao avaliar suas interferências e as dos

outros na natureza e, com isso, desempenhar o verdadeiro papel político que lhes cabe na busca de caminhos para uma vida mais qualificada.

Na Trilha das águas a ilha é a bússola do marinheiro

As trilhas são instrumentos efetivos da vivência com o meio, de interação com o local por onde passamos e nos desperta para os contrastes e nuances da paisagem. Este despertar propicia elementos para o desenvolvimento da educação e do lazer, apresentado de forma real e lúdica o ambiente e os fatos aos residentes-visitantes, colocando a realidade para ser vista pela pessoa, contribuindo para uma visão crítica dos problemas sócio-ambientais e coletivos locais. Neste trabalho de extensão que buscou fundamentalmente a interação do residente com o seu meio, estimulando a expressividade e o sentimento de importância de suas características naturais e históricas e das suas manifestações culturais, as trilhas turísticas concretizaram essa intenção.

A interação consciente e constante com nosso espaço comum, com nossa comunidade, possibilitada em uma trilha, provoca a visualização e avaliação das ações que realizamos para o todo e para a compreensão da mesma e do ambiente em que vivemos. Esta compreensão traz a identificação real do espaço e da cultura local além de propiciar um momento de reflexão que pode gerar atitudes capazes de afetar comportamentos e posturas políticas.

Ao planejarmos a trilha precisamos contemplar estes objetivos e preocuparmos em potencializar nossos atrativos com a minimização de nossos impactos negativos, de modo a termos uma atividade em harmonia com a natureza e com valorização da cultura.

Para delimitar o roteiro da trilha partiu-se do “Mapa das Ilha” com os pontos relevantes levantados pelos participantes nos encontros de Educação Ambiental (EA) e das questões e reflexões de interação e identificação do meio.

Partimos para a trilha, mapeando os pontos em um novo papel pardo e descrevendo considerações e interpretações a respeito dos pontos de parada.

A idéia inicial foi de irmos coletando objetos pertencentes e não pertencentes à natureza para depois juntarmos ao mapa e termos a visualização dos

elementos que compõe o ambiente. Ainda nesta idéia, posterior a reflexão sócio-ambiental com os elementos, estes podem construir instrumentos musicais ou um mural como finalização da oficina.

Ao término da trilha, retornamos a escola para uma avaliação do trajeto, sua duração, sua motivação, os pontos que todos gostaram mais e as facilidades de acesso. Surgiu à proposta de transformar essa trilha em um produto turístico e agenciar visitas guiadas pelos próprios residentes gerando uma nova frente de trabalho.

A partir desta idéia do produto turístico, discutimos o número limite aceitável de visitantes (capacidade de suporte) na trilha e a importância de uma conversa sensibilizadora sobre o ambiente antes de iniciar o passeio, buscando garantir a qualidade da experiência de todos bem como a sustentação do ambiente. Algumas paradas foram descartadas pela dificuldade de acesso ou pela similaridade dos atrativos. Considerou importante incluir um trajeto de barco com uma parada em uma outra ilha sem ocupação humana a fim de diversificar e aprimorar o passeio em si, bem como identificar a vegetação em menor interferência do homem.

A questão do monitor/conductor para a trilha foi estabelecida como um canal de comunicação, de ensino-aprendizagem, onde sempre que se ensina se aprende e sempre que se aprende se ensina, e de uma relação afetiva entre o intérprete e os visitantes, essencial para a compreensão e o melhor resultado da vivência.

Atualmente o turismo responsável¹¹ vem sendo uma alternativa de valorização ambiental e social, de promoção da conservação do meio, de difusão da educação conservacionista e de retorno socioeconômico para a população e para o desenvolvimento local.

Na Ilha Grande dos Marinheiros tais premissas do turismo responsável podem ser contempladas em sua realidade. A Ilha Grande dos Marinheiros reúne características favoráveis para o desenvolvimento da atividade em sua história viva da ocupação da Ilha com suas relações humanas e seus impactos ambientais; em seu ecossistema local com o delta em sua geografia e ambiente de transição

¹¹ Turismo responsável é uma atividade que respeita as culturas locais, minimiza impactos ambientais, e complementa nossos ideais de desenvolvimento, assegurando à comunidade melhores condições de vida e reais benefícios, a satisfação aos visitantes e ao meio ambiente uma ferramenta de conservação e valorização dos recursos naturais e das características culturais.

natural-urbano; sendo uma Unidade de Conservação; e com sua comunidade já articulada nas questões referentes à conservação da natureza local e políticas públicas, com autonomia na organização em grupo e habilidade para realizar a interface turista – comunidade. Somando a isto, ainda tem localização privilegiada próxima do grande centro da cidade; infra-estrutura para lazer já existente como o Clube do Grêmio e as potencialidades que os membros da COOPAL têm manifestado no trato com as questões ambientais¹² junto à capacidade que têm de articulação e discussão coletivas, com a assessoria da Universidade e de outras instituições.

Contudo, sem um planejamento participativo da comunidade e o desejo manifesto de interesse destes, o que exige envolvimento e monitoramento contínuo com medidas mitigadoras associadas no manejo dos atrativos e da trilha, e sem o poder público em parceria no desenvolvimento das ações, essa mesma atividade pode apresentar problemas sérios tanto ambientais como sociais. Dentro desse quadro, existe o risco de aumento da individualidade e da competitividade na busca de “pegar o turista”, a desestruturação das relações sociais e familiares em frente às relações momentâneas com os turistas e de valorização única do que o turista traz, causa degradação ambiental advindos do crescimento do fluxo turístico com o aumento da produção de lixo e esgoto, compactação e erosão do solo pelo pisoteio e trânsito de veículos, entre outros.

O turismo em geral é um fator de valorização dos lugares, pois leva para estes locais a promoção do simbólico e da conservação da natureza e novas fontes de receita e de empregos. Por outro lado, sem planejamento exerce pressão sócio-cultural nas sociedades residentes das regiões receptoras, incidindo sobre o modo de vida e o comportamento das mesmas, conforme discuti Cazes (CAZES, 1996).

Posteriormente realizou-se a trilha com visitantes e estudantes de curso de Turismo. A repercussão foi muito positiva na comunidade com os turistas valorizando o local e gerando renda para a condutora, para o barqueiro e para a cozinheira do lanche, e mostrando a real possibilidade de uma nova frente de trabalho digno.

¹² Recentemente, com ajuda de uma ong eles construíram um projeto, com protótipo de uma mini usina de tratamento sanitário.

4. CONCLUSÃO

Acreditamos que o que torna relevante este trabalho é sobretudo, ter desafiado a Universidade a tornar prática as idéias defendidas pela academia em especial a questão ambiental ligada à produção da vida ou seja o empoderamento das comunidades que habitam áreas protegidas a partir do desenvolvimento local. Outra questão importante é o saber escutar as comunidades quando essas demandam intervenções de áreas do conhecimento em sua realidade de forma interdisciplinar e não impondo um modelo autoritário de interdisciplinaridade que na prática nada mais é do que um amontoado de disciplinas.

Mas a figura do agente social, conforme este trabalho apresenta baseado em Paulo Freire não se nega a apresentar seu conhecimento e a forma que ele faz isso é que fará a diferença. Pode ser de forma autoritária, impositiva (educação bancária) ou pode ser dialogada, trocando conhecimentos em busca de uma terceira via (dialógica). Acreditamos que nossa intervenção na Ilha dos Marinheiros foi fiel a esta assertiva, pois conforme relatamos ao iniciarmos o Curso de Extensão havia sido recém decretada a transformação de grande parte do Parque Estadual Delta do Jacuí em APA. Nós problematizamos esta decisão de cima para baixo do governo estadual com todo cuidado para não ferir as expectativas da comunidade. Colocamos questões. Hoje, a comunidade reconhece que a ação do governo era mera politicagem, pois até agora (2009) não foi formado o Conselho gestor da APA (Área de Proteção Ambiental).

Acreditamos que foi possível trabalhar o (re)conhecimento e valorização do espaço em que se vive, sua história e suas tradições, seu comportamento frente à preservação e à degradação ambiental. Isto vem na compreensão que o meio ambiente é um direito de todos e que sua proteção é um dever a ser partilhado, pois afinal só se preserva aquilo que se ama e só se ama aquilo que se conhece.

Por fim, acreditamos que a partir deste trabalho de extensão foi possível inverter a lógica da concepção de educação ambiental do governo estadual onde o cidadão era a APA e o objeto era a comunidade. Nosso trabalho senão mudou definitivamente a situação precária daquela comunidade, serviu para



instrumentalizar os atores (em especial a COOPAL) na sua luta cotidiana por condições dignas de habitar e viver em comunidade.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa. Difel, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo. Brasiliense, 1985.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos & COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2006.

CARVALHO, Isabel. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

CAZES, George. **Turismo e subdesenvolvimento: tendências recentes**. In: RODRIGUES, Adyr. B. (Org). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo, Hucitec. 1996, p 77 a 85.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo, Olho d'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação, Crise do trabalho Assalariado e do Desenvolvimento: teorias em conflito. Perspectivas de Final de Século**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

GAYOTTO, Maria Leonor Cunha. O Agente Social como Membro do Grupo. In:



ORTH, Lúcia Mathilde Endlich. **O Processo Educativo em Paulo Freire e Pichon Rivière**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1987.

KINDEL, Eunice Aita Isaia; SILVA, Fabiano Weber da & SAMMARCO, Yanina Micaela (Org.). **Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas**. Porto Alegre, Meidação Editora, 2004.

LIMA, Maria Lucia F.C. **Ecoturismo: a que e a quem serve o discurso da sustentabilidade?** In: III Congresso Nacional de Meio Ambiente. Anais do III Encontro Nacional de Meio Ambiente. Salvador, 2004.

MEDINA, Nana Mininni & NUNES, Ellen Regina Mayhé. Marcos referências. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, Departamento de Pedagogia. Divisão de Ensino Fundamental; TEIXEIRA, C.G.G.; BERTOLUCI, S. & GAYER, S. M. P. (Coord. Geral). **Experiências em Educação Ambiental: Pressuposto Orientadores**, Volume I. Porto Alegre, Pallotti, 1998, p. 9 a 16.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2º ed. São Paulo, Editora Cortez, 2000.

MOURÃO, Roberto M.F. **Manual de Melhores Práticas para o Ecoturismo, Programa MPE**. Rio de Janeiro, FUNBIO, Insituto ECOBRASIL, 2004.

PÁDUA, Suzana Machado & TABANEZ, Marlene Francisco. **Educação Ambiental – Caminhos Trilhados no Brasil**. Brasília, Editora de cultura, 1997.

PIERRE, George. **Geografia Urbana**. Barcelona, Ediciones Ariel, 1969.

REGO, Nelson, SUERTEGARAY, Dirce, HEIDRICH, Álvaro. **Geografia e Educação: Geração de Ambiências**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade. 2000.



MENEGAT, Rualdo (coord. geral). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre, Ed UFRGS, 1999.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo, Ed Nobel, 1987.

SILVEIRA, Alda Maria M. da & SCHMITT, Luiz Antonio Maciel. Delta do Jacuí: Conhecer, Amar e Preservar. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, Departamento de Pedagogia. Divisão de Ensino Fundamental; TEIXEIRA, C.G.G.; BERTOLUCI, S. & GAYER, S. M. P. (Coord. Geral). **Experiências em Educação Ambiental: Pressupostos Orientadores**, Volume I. Porto Alegre, Pallotti, 1998, p. 31 a 38.

SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André; GOULART, Ligia Beatriz & CASTROGIVANNI, Antonio Carlos (et al.). **Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

SUERTEGARAY, Dirce Maria & NUNES, João Osvaldo Rodrigues. **A natureza da Geografia Física na Geografia**. São Paulo, Terra Livre nº 17. 2001.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 2005.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A. & CRUZ, Rita de Cássia A. da (Orgs). **Turismo: Espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.